

Ernani Zetola e os antigos carnavais

O Carnaval, conhecido como "o maior espetáculo da terra", é um dos eventos mais esperados pelos brasileiros. Todos os anos, em fevereiro, milhões de pessoas vão às ruas para festejar. Trajes coloridos, vendedores ambulantes e os famosos desfiles são cenas comuns nessa semana de festas. Todos conhecemos o Carnaval, mas você sabe como esse evento era realizado nas décadas de 20 e 30? Em 1977, Ernani Zetola, sob o pseudônimo de Konde Nador di Lago-negro, escreveu sobre o carnaval "zeense" durante aquela época.

O nosso Carnaval antigo:

São José dos Pinhais viveu seus mais animados Carnavais nas décadas de vinte e trinta. Grandes bailes à fantasia eram realizados dias antes e durante o tríduo momesco. Os maiores e os melhores aconteceram nos salões do "XV de Novembro", do antigo "Cine Ideal", da "Casa Magnífica" e mais tarde nos do São José E. Clube. No final dos anos vinte, início dos trinta, o "corso" esteve no apogeu. "Corso" era o desfile pelas ruas da cidade, realizado nas tardes de Carnaval. Dele participaram automóveis com o toldo baixado, caminhões, carroagens e até montarias, transportando moças, rapazes e crianças fantasiados, cantando os sucessos carnavalescos. O lança-perfume usado em profusão, embalsamava o ar com aromas vários; serpentinas e confetes atirados sem economia, coloriam e enfeitavam a cidade; grupos mascarados, com fantasias improvisadas, percorriam as ruas, invadindo casas e bares, brincando com todos, numa ingênua alegria. Não havia malícia nem maldade pois, naqueles tempos a nossa Sanjo era uma só família. Para os saudosistas, ilustramos nossa coluna com esta interessante foto. Sobre o conversível, que era "o luxo" na época, vemos algumas belas dades zeenses do passado, numa pose antes do corso; da esquerda para a direita, as Senhoritas: Olga Poplad, Irene Marchesini (falecida), Boneca Rios, Alice Brito, Renée Poplad, Amélia Bortolin, Ana Marchesini, Francisca De Souza Côrtes, Mariquinha Berton (falecida) e, no volante, o dândi Valeriano Brito (Neno). "Belle époque"!.

xxxx

Boletim Informativo

8ª edição – junho 2022



Museu Municipal Atílio Rocco:

41 3381 5900 / 3381 5913 [@museusjp \[@museu.sjp\]\(https://www.instagram.com/museu.sjp\)](https://www.facebook.com/museusjp)

História da Seringa

Para participar da campanha "Museus pela Vida", promovida pelo Conselho Internacional dos Museus – Brasil, o Museu Municipal Atílio Rocco recuperou em seu acervo uma seringa. Há registros do uso da seringa desde literaturas greco-romanas, que descrevem o uso de canas ocas durante rituais da época. Outro registro foi descrito nos anos 900, pelo egípcio Ammar bin Ali al-Mawsili ao utilizar tubos de vidro para sugar cataratas dos olhos de seus pacientes.



Mas, a primeira seringa moderna foi inventada em 1650, por Blaise Pascal, em seu trabalho experimental com a hidráulica. Já as agulhas hipodérmicas, que tornaram possível a injeção de líquidos no corpo, foram inventadas apenas no século XIX e deram início à aplicação de vacinas como conhecemos.



#MUSEUS
PELA VIDA

Serafim Teixeira Machado

Personagem histórico de enorme importância para São José dos Pinhais, Serafim Teixeira Machado, nasceu em 1859 em um Brasil escravocrata. Foi escravizado ou filho de escravos e ao longo de sua vida se estabeleceu como "vaqueano", um conhecedor e guia da região entre Contenda, Tijucas do Sul e a Serra do Mar. Em meados de 1928, Serafim, um homem cheio de carisma e histórias, guiou engenheiros americanos e a Cia. Força e Luz do Paraná em uma expedição para construir a Usina Hidrelétrica Chaminé, localizada na margem esquerda do rio São João, em São José dos Pinhais. O vaqueano tornou-se tão respeitado entre seus colegas de expedição que teve seu retrato, pendurado numa das paredes da Usina Chaminé, onde permanece até os dias atuais.

